

II Mostra de cinema

Iniciou ontem e vai até sexta-feira, dia 22 de julho, nos auditórios da sede da Celesc e Eletrosul, a 2ª Mostra de Cinema "Curta os Gaúchos", promovida pelo Sinergia. A partir do dia 27 de julho, segue para o Cefa-Celesc, com apresentação sempre às 12h 30min. Veja programação nestes locais.

Debate de candidatos

Os interessados em candidatar-se ao cargo de representante sindical do Sinergia terão possibilidade de debater o assunto na próxima terça-feira, dia 26 de julho, a partir das 18 horas, no auditório do Sinergia. As inscrições para participar da eleição podem ser feitas até dia 5 de agosto, na sede do sindicato. Para se inscrever basta preencher uma ficha de inscrição e entregar uma foto 3 X 4.

Inflação não baixa

Segundo os economistas que editam a publicação "Indicadores Antecedentes", a inflação prevista para julho é de 5% e entre 1% e 2% em agosto e setembro. Mas isto segundo eles não indicará o sucesso do Real. "A partir de outubro haverá discreta, porém sistemática, aceleração no crescimento dos preços".

Nº 278
21-07-94

LINHA VIVA

Reivindicar e conscientizar

Plenária em Itá deflagra campanha salarial na Eletrosul. Intersul provoca reflexão sobre futuro do setor elétrico

Acontece neste final de semana, em Itá, a plenária de base dos trabalhadores da Eletrosul que vai concluir a pauta de reivindicações da campanha salarial 94/95. Deverão participar representantes de todas as áreas da empresa e quem desejar comparecer deve entrar em contato com o seu sindicato.

Antes da plenária, já em Itá, a Intersindical vai fazer uma sistematização prévia dos resultados das diversas assembleias que já ocorreram nos quatro estados onde atua a Eletrosul. A orientação geral da Intersul é chegar a uma pauta enxuta, que consolide conquistas já existentes sem a preocupação de incluir muitas novidades.

Na avaliação da Intersul este ano eleitoral não é oportuno para reivindicações de caráter corporativo. "As atenções vão estar volta-



das para as eleições, onde estarão sendo decididos os destinos das próprias empresas, de forma que não teria cabimento investirmos neste tipo de proposta", comenta Cláudio Ehrensperger, da coordenação da Intersul.

Para generalizar a discussão sobre o futuro das empresas do setor elétrico, em breve a Intersul estará lançando uma campanha publicitária interna à categoria, tendo como slogan "E o futuro, está na mão de

quem?", numa menção explícita às eleições.

A Intersul acredita que nesta campanha salarial, mais do que reivindicar questões específicas, os eletricitários deverão refletir sobre a situação da empresa e do país, para defender a Eletrosul com toda a sua disposição de cidadãos.

Entregaram até isto

Semana passada o Banco de Gálícia & Buenos Aires, da Argentina, informou que o Dresdner Bank, da Alemanha, adquiriu parte do capital de sua empresa voltada para a exploração do mercado previdenciário argentino.

Oficina

Acontece na Elase, de 01 a 05 de agosto, a oficina "Arte e Movimento", com teatro, dança e música, ministrada por Eleonora Teixeira e Lerieete Couto. Maiores informações no 44-29-36 (com Lerieete) ou com a Elase no fone 34-52-33.

Licença

Kathya Rosângela Silva, representante dos empregados no Conselho de Administração da Celesc está de licença-maternidade até o final de 94. Na próxima reunião do Conselho será decidida a substituição ou não até a volta da conselheira.

Encontro nacional

Dias 8 e 9 de agosto, em Brasília, acontece o Encontro Nacional dos Eletricitários, onde será tirada a pauta nacional e o plano de lutas da categoria. O Sinergia escolheu, na assembleia geral do dia 14 de julho, os delegados que participarão desta reunião e do congresso nacional dos urbanitários que acontece de 4 a 7 de agosto, também na capital federal, para unificar as duas federações que representam a categoria.

Elosaúde tem que ser auto-sustentável

Claudius Girard, Diretor Administrativo da Fundação Elos, está enviando uma carta a todos os integrantes do plano **Elosaúde** relatando os motivos do aumento de mensalidades ocorrido no mês de julho.

Girard, que na época da implantação do plano era Curador da fundação, lembra que informou a categoria da intenção das diretorias da empresa e da Elos daquele período de extinguir o plano de saúde dos empregados. Ressalvou porém que o Elosaúde era muito bom para os aposentados, porque eles não tinham nenhum tipo de cobertura, justamente numa etapa da vida em que mais precisavam de cuidados médicos.

E hoje, segundo ele, isto se confirma: "mais de 90% dos integrantes do Elosaúde são aposentados". Girard no levantamento que fez do plano, desde a contratação da consultoria atuarial até sua implantação, verificou que o plano "foi implantado diferentemente das recomendações do consultor atuarial. Houve mudanças sensíveis. O Elosaúde é composto de vários módulos e cada um deles teria que ser auto-

sustentável. Por exemplo, o módulo F-órtese e prótese - foi implantado com 250 participantes quando a recomendação era de que no mínimo deveriam existir 1.200 participantes".

O Elosaúde é auto-sustentável, ou seja, não recebe nenhum outro recurso que não o dos participantes. A Fundação Elos não pode cobrir os déficits que ocorrem e muito menos a Eletrosul. Por isto são feitas reavaliações a cada três meses e dependendo dos gastos efetuados as mensalidades podem aumentar, serem mantidas ou reduzidas. Na fase atual, de início de plano, as despesas são bastante grandes - cerca de 72% das receitas - e por isto foram aprovados os aumentos de mensalidades.

"Mas temos demonstrado que, mesmo com os aumentos sensíveis de mensalidades o Elosaúde continua prestando mais benefícios do que os atuais planos particulares. A mensalidade do Elosaúde equivale a 1/3 da mensalidade do plano mais barato existente no mercado. Está aumentando, mas continua sendo o mais barato", conclui Girard.

Deslança programa de prevenção na Celesc

No Acordo Coletivo 93/94 os empregados da Celesc obtiveram, através da cláusula 14, a criação de um Programa de Prevenção e Tratamento do Alcoolismo e Outras Drogas. O objetivo é dar combate à doença que ataca considerável parcela da sociedade brasileira. O programa já está funcionando e vem mobilizando um grande número de empregados.

Este programa é um ponto de partida para se tratar de forma global as questões ligadas à qualidade de vida, no sentido de resgatar em cada um o compromisso com a recuperação e/ou manutenção da própria saúde.

Em abril e maio aconteceram reuniões técnicas sob a coordenação do Departamento de Capacitação de Pessoal. Estas reuniões foram dirigidas a equipes (assistentes sociais, médicos, engenheiros de segurança, técnicos de segurança e enfermagem, auxiliares de enfermagem, prepostos da Celos, representantes sindicais, cipeiros e Alcoólicos Anônimos) e gerentes de todas as Agências Regionais.

E ações concretas na implementação do programa já estão sendo observadas. As Agências regionais de Joinville, São Miguel

do Oeste, Videira, Mafra, São Bento, Rio do Sul, Joaçaba e Blumenau estão ampliando suas atuações realizando reuniões de equipes interdisciplinares, reuniões com chefias e familiares, reuniões com empregados e respectivas chefias, palestras, treinamento, reuniões de Cípas com os AA, distribuição de informativos, internações hospitalares, visitas domiciliares, reuniões de acompanhamento.

O programa vai continuar com metas já estabelecidas. Uma delas é tornar rotina a supervisão técnica às equipes e convênios para internações e sessões psicoterápicas. Nos próximos dias acontecerá uma reunião de avaliação do que já foi feito nas agências regionais e será estabelecido um cronograma técnico com as equipes e gerentes da Administração Central.

O Programa de Prevenção e Tratamento do Alcoolismo e Outras Drogas exige mudança na postura profissional e gerencial. É necessário muita persistência dos que estão se empenhando na adoção dessa nova filosofia e um maior profissionalismo dos que têm compromissos com o assunto por força dos espaços que ocupam.

Desemprego ameaça mundo moderno

José Alvaro Cardoso e Jorge Gouvêa
Economistas do DIEESE

O aumento das taxas de desemprego e a exclusão social é o principal problema a ser enfrentado pela sociedade contemporânea nesta década de 90. Este parece ser um consenso entre políticos e dirigentes dos principais países do mundo, como ficou claro no encontro do G-7 em Davos, na Suíça, realizado em janeiro/94 e em Detroit, dias 14 e 15 de março também neste ano, na conferência dos países ricos sobre o problema do desemprego.

Os dados são alarmantes. Até o final de 1994 haverão 36 milhões de desempregados nos países da OCDE (Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico), que congrega os 24 países mais ricos do globo. Em 1990 este número estava em 25 milhões, dado que revela a velocidade com que a situação está se agravando.

A Europa hoje é uma mancha de desemprego. Só na UE (União Européia) são 20 milhões de desempregados. A taxa média de desemprego na CEE (Comunidade Econômica Européia) é de 10,5% puxada por países como a Espanha, onde a taxa de desemprego atinge 23,9%. Relatório recente da OIT (Organização Internacional do Trabalho) prevê, para o final da década, que esta taxa esteja em torno dos 30% para os países desenvolvidos (Tavares, Maria da Conceição, Folha de S.P., 20/03/94).

Segundo a OIT as causas do fenômeno estão relacionadas ao surgimento de novas tecnologias e ao problema da chamada sobre-regulação do mercado de trabalho, isto é, à legislação que regula a relação capital x trabalho. Mas na verdade, se a constatação da gravidade do problema do desemprego é um consenso, as análises sobre suas causas estão bem longe disso. De qualquer sorte, aparentemente as causas do desemprego estão relacionadas, em boa medida, à forma pela qual os países desenvolvidos enfrentaram a III Revolução Industrial: redução da regulamentação do Estado, extermínio das políticas públicas voltadas ao pleno emprego e desmantelamento do movimento sindical.

Mas, se o problema do desemprego no mundo desenvolvido já é extremamente grave, o que podemos dizer de suas manifestações no terceiro mundo, onde o desemprego tecnológico se soma à pobreza crônica, exclusão social, desigualdades no mercado de trabalho e concentração extrema da renda?

No Brasil, além dos excluídos tradicionalmente do mercado de trabalho em função do modelo de desenvolvimento concentrador da riqueza adotado até os oitenta, temos os efeitos da "modernização neoliberal" promovida pelo Governo Collor, que fez uma abertura da economia em meio a uma brutal recessão, sem negociação com a sociedade. Isto levou a um processo de reestruturação industrial de caráter defensivo, visando apenas "evitar o

por".

Os reflexos disso são tragicamente visíveis: dados do Ministério do Trabalho comprovam que, entre 1990 e 1992 foram destruídos mais de dois milhões de empregos na economia formal. Em 1993, comparativamente à 1989, o emprego na indústria apresenta uma queda de 23%. O curioso é que este processo de queima de empregos vem acompanhado de sucessivos recordes de produtividade: esta, entre 91 e 93 cresceu em 30%, sendo que, só no ano passado, este crescimento atingiu 17,5%. O grande problema é que tais ganhos de produtividade têm sido obtidos pelo método mais cruel, pelo desemprego de muitos, pela insatisfação no trabalho dos que ficam no emprego e pela terceirização espúria, tal como vem ocorrendo por estas paragens.

O custo social disso é imenso, como demonstrou o Mapa do Emprego no Brasil, elaborado com base nos dados do PNAD (Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicílios) pelo IBGE: 20 milhões de trabalhadores ou estão desempregados, ou recebem menos de um salário mínimo ou não recebem absolutamente nada; 14 milhões de trabalhadores não possuem carteira assinada, 31 milhões não contribuem para a Previdência Social, existem quase dois milhões de crianças entre 10 e 13 anos no mercado de trabalho.

O Estado de Santa Catarina, gabado pelo empresariado local como uma espécie de "Suíça tupiniquim", apresenta nada menos que 19,5% de sua força de trabalho na condição de trabalhadores sem remuneração (mesmo estando trabalhando).

Após 14 anos de recessão e inflação enfrentadas pelo Brasil - o processo stagflacionário mais prolongado do mundo - combinadas às condições estruturais de atraso, chegamos a fabulosa estimativa de 8 milhões de desempregados em todo o país. O mais grave é que dos mais de 2 milhões de empregos perdidos nos últimos anos, uma boa parcela não retorna mesmo que o país volte a crescer. Estudo recente da SAE (Secretaria de Assuntos Estratégicos) conclui que, num cenário otimista, a economia voltará a crescer 5% ao ano, porém o emprego, mantidas as condições atuais, crescerá apenas 1% ou 2% ao ano, mantendo metade da força de trabalho na economia informal.

Um outro problema extremamente grave é a rotatividade elevada da mão-de-obra no Brasil. Dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados do Ministério do Trabalho (CAGED) atestam que, em 1993, de um total de 22,8 milhões de trabalhadores com vínculo empregatício, cerca de um terço foi substituído em seu emprego. O que demonstra que, pelo menos no Brasil o problema do desemprego não é um problema de "sobre-relação" do mercado de trabalho.

Algumas Observações Sobre o Problema

1) Por mais controvertido que seja o assunto, a solução do problema certamente não está no receituário neoliberal, que os países ricos costumam prescrever para o terceiro mundo. A chamada "flexibilização" do mercado de trabalho - que traduzida significa maiores facilidades para admitir e demitir, menos garantias e direitos para os trabalhadores, etc. - vem sendo implantadas há anos na Europa e o desemprego só aumenta no continente. Por outro lado, os processos de estabilização da economia aplicados na América Latina, se foram bem sucedidos na briga contra a inflação, foram um verdadeiro fracasso em termos de uma política de geração de empregos, levando o processo de exclusão social a níveis desconhecidos. Na Argentina, por exemplo, dados do governo apontam para a destruição de mais de 10% do emprego industrial no país somente em 1991 e 1992, o que significa mais de 300.000 empregos.

2) A crise do emprego no Brasil e no mundo, tem caráter estrutural e não será, infelizmente, algo passageiro ou de curta duração. O desemprego é inerente à sociedade capitalista, o sonho do pleno emprego nunca passou de um sonho. As taxas de desemprego nos países capitalistas desenvolvidos, no entanto, cresceram quase tanto os apologistas do "quanto pior melhor" gostariam: nas décadas de 50 e 60 os países da OCDE possuíam uma taxa de desemprego que oscilava de 2% a 3%. Hoje, 8,5% da População Economicamente Ativa da OCDE está desempregada.

3) É necessário que os governos implementem políticas ativas de emprego. Estas até então se resumem a respostas a situações de exceção, tipo frentes de trabalho no Nordeste do país. Isto não aconteceu por acaso mas porque, até o início dos anos 80, o crescimento da economia se traduzia em crescimento do emprego, ainda que em bases precárias e mantendo uma taxa estrutural de desemprego nada desprezível. Com a reestruturação produtiva iniciada nos anos 90 isto muda: a taxa de desemprego cresce muito por um lado e, por outro, crescimento econômico deixa de ser sinônimo de mais emprego (isto ocorreu, por exemplo, em 1993 ano em que a economia cresceu 5% e o emprego ficou muito abaixo disso).

4) Se o simples crescimento não significa mais emprego, o conceito de política de emprego hoje deve ter significado diferente do passado. Uma política de emprego hoje deve ter caráter multidimensional, pois deve responder aos problemas de educação, requalificação, redução da jornada, seguro-desemprego, aposentadoria decente, garantia de renda, contrato coletivo de trabalho,

TRIBUNA LIVRE

Tetra. Agora a bola é nossa!

Rosemeri Siqueira
Diretora/Sinergia

Como foi gostoso ver o Brasil ser TETRA!

Uma agonia, um desespero, uma emoção tão absurdamente deliciosa que tomava conta da gente, que nem sei como aguentei!

Quando se está apaixonado a gente fica assim: furioso, briguento e, ao mesmo tempo, passivo, emotivo.

Ficava ligada na televisão o tempo todo, procurando notícias da seleção, sem perder nada. No caso do tetra, a parte que nos cabia era apenas a paixão da torcida, o grito, a emoção. Aos jogadores cabia a responsabilidade de cada vitória.

O tetra é nosso. A televisão nos trouxe cada emoção dele, nos ajudou a opinar, nos fez chorar e rir. E, para nosso deleite, eles venceram, mas... imaginem se perdessem!

Agora, no lugar dos jogos e notícia-rio da copa, entra o horário político. Coisa chata, né?!

Só que agora o assunto é da maior importância. Isso quer dizer que, se ficarmos ligados, essa paixão (política também, é paixão) também vai nos contagiar.

Se no tetra os jogadores foram os responsáveis pelas nossas alegrias, nas eleições acontece o inverso. Somos nós que podemos ou não fazer a gente ser feliz. Depende unicamente da responsabilidade de cada um de nós.

Por isso, ficar de olho e ligado neste momento político é a coisa mais importante.

Já pensou se a gente se deixar enganar mais uma vez?

EXPEDIENTE
Linha Viva é uma publicação semanal da Intersindical dos Eletricitários de Santa Catarina com tiragem de 7.500 exemplares. Conselho Editorial: Fábio Pedro Dal Bó, Arno veiga Cugnier, Mauro G. Passos, Glauco C. Marques e Luiz Cézar Vieira. Editores: Gastão Cassel (DRT/RS 6166) e Marli Cristina Scomazzon (DRT/RS 4966). Ilustrações: Frank Maia. Diagramado e composto na Estação de Editoração Eletrônica do Sindicato dos Eletricitários de Florianópolis. Impressão: Gráfica do jornal Diário Catarinense. Redação: Rua Lacerda Coutinho, 149, Fpolis, SC. CEP: 88015-030. Fone (0482) 22-3866 Telefax: (0482) 23-5596. Cartas para a Tribuna Livre não podem ter mais de 30 linhas, e sua publicação fica a critério dos editores. As matérias assinadas não correspondem necessariamente à opinião do jornal.



Programação de cinema

Esta é a programação de cinema do Centro Integrado de Cultura e do ART7. Eletricitário tem direito a meia entrada, mediante apresentação de carteira do Sinergia, conforme convênio.

CIC

Dias 21 e 22, quinta e sexta

20 horas: **Short Cuts, Cenas da Vida**

Dias 23 e 24, sábado e domingo

18 horas - **Short Cuts, Cenas da Vida**

21h15min - **A Terceira Margem do Rio**

Dia 25, segunda

20 horas: **A Terceira Margem do Rio**

ART 7

Dia 21 de julho - quinta-feira

19 horas e 21 horas: **Dossiê Pelicano**

De 22 a 28 de julho

19 horas: **O Ano da Fúria**

21 horas: **Dossiê Pelicano**

Matiné -

Dias 23 e 24 de julho - sábado e domingo

17 horas: **Free Willy - O menino e a baleia**



Gastão Cassel Da Equipe Linha Viva

Acordamos menos vira-latas. Outra vez o Brasil volta a ser alguém no cenário mundial. De novo por obra dos pés de uma pequena legião de craques, dos heróis que durante algumas semanas foram depositários dos brios nacionais. Mesmo sem arte o Brasil é tetra campeão de futebol, e isso é suficiente para que a tradição passional do país aflore numa catarse sem limites. Ou limitada apenas pela inexorável chegada do dia seguinte, da recomposição do cotidiano e das agruras que nossa infantaria de chuteiras é incapaz de derrotar. Lavamos a alma do terceiro mundo. Nossa honra está "pura como putas depois do banho".

Este Brasil que o poeta chamou de "país de sonhos sem cabimento" concretizou o seu sonho mais sonhado e mais insólito. Viu nosso time erguer o pequeno troféu, aquele maciço moinho de vento derrubado nesta batalha na qual nosso imaginário coletivo teima em nos fazer protagonistas. A teia das telecomunicações e da mídia se unem com a nossa frustração terceiromundista para provocar a comoção, o delírio, a apoteose. Nos colocamos ao lado de nossos heróis (que não são deuses porque nós os elegemos) no Olimpo. Nos

engalfinhamos com nossos desgostos e vencemos, vencemos no simulacro e na simbologia, mas a vitória é o que importa.

Ao arrastar milhões para as ruas, esta vitória remonta reflexões incômodas e, sobretudo, expectativas. É incômodo lembrar que em 70 enquanto muitos gritavam gol, outros gemiam nos porões do regime militar - tristeza que já foi registrada pelo cinema e pela literatura. A expectativa é de que a "restauração da honra nacional" possa interferir na maneira de se pensar o Brasil. Em 70 havia uma imposição: "Brasil, ame-o ou deixe-o". Hoje já não somos obrigados a amá-lo como está, pois é concreta a possibilidade de mudá-lo.

"Pra frente Brasil", éramos obrigados a dizer, sem saber para onde a estrada nos conduzia. Hoje, de certa forma, podemos escolher o caminho. Não que alguém deseje andar para trás, pois há diversidade de caminhos e destinos e os caminhantes devem optar pelo seu futuro.

O que preocupa é que em 70 vivíamos (ou nossos pais viviam) o "milagre brasileiro", o "despertar do gigante". E os generais souberam especular com o sentimento de vitória e se apropriar da conquista que não era deles. Hoje é momento delicado de nossa história política, com plano econômico em curso, um processo eleitoral a

pleno vapor. Podem querer se apoderar novamente do título, desvirtuar a vitória e construir sobre ela o ufanismo que só conduz à resaca do desânimo.

Não se trata de fazer a inconveniente contraposição dos louros dos canarinhos com nossas estatísticas sociais desalentadoras. A questão é buscar na euforia do tetratras novas bases para o nosso imaginário coletivo, para nossa imagem a respeito de nós mesmos. Se fomos às ruas para desafogar o triunfo sobre o desejo do campeonato, também podemos ir para consolidar a cidadania e reivindicar um país com políticas para a maioria.

Talvez sejam válidas agora todas as analogias entre o futebol e a vida. Jogamos sem arte, pelo resultado, mas vencemos. Jogamos retrancados, e comemoramos o empate. Reclamamos dos dirigentes, mas nos solidarizamos com eles. Nos entregamos à fatalidade dos pênaltis, mas comemoramos nossa genialidade. Na vida real vivemos aos trancos para seguir vivos. Será que poderemos vencer jogando na defensiva, temerários de mudanças e novidades?

A tarefa agora é comemorar o tetratras. Estravasar e pensar que para o Brasil - além do futebol - o jogo recém começou. E a gente não pode pensar que já ganhou.